

História da Arte Brasileira

Pré-história

O homem relaciona-se com os objetos e fenômenos que o rodeiam. Para compreender e apreender o mundo real e imaginário, utiliza recursos como a linguagem, o gesto e a representação gráfica dessa linguagem e desse gesto, a qual também depende dos recursos materiais de que dispõe. A representação é uma interpretação que o indivíduo faz do real, e tanto uma como outra modificam-se e evoluem como as mudanças culturais que acontecem na sociedade. (Sobre Arte Brasileira pag.27)

Datação por Carbono 14

As datas não são os anos do nosso calendário, mas anos radiocarbônicos. Existem duas maneiras de expressar numericamente uma datação por carbono -14: A primeira é mais usual, e expressa-la em termos de anos radiocarbônicos: a segunda em termos dos anos habituais. Esta última é também denominada datação calibrada. A taxa de carbono disponível na atmosfera variou, ao longo do tempo para mais ou para menos quando comparada aos dias de hoje. Isso significa que um ano radiocarbônico não necessariamente é equivalente a um ano normal, de 365 dias. Pode ser maior, igual, ou menor (...) Ambas as modalidades de datação podem partir de dois marcos opcionais: antes do presente (AP) ou antes de Cristo (a.C.). O presente aqui significa 1950, quando a técnica do C-14 foi desenvolvida.

(revista História viva. Ano VI-nº62, pg 43)



Linha do Tempo

O que é arqueologia • Serviços

As faixas cronológicas em que a arqueologia brasileira foi dividida têm como ponto de partida os dias atuais (o Presente) e vai recuando no tempo, para datas Antes do Presente (AP). A primeira faixa temporal vai, assim, de hoje a 500 anos atrás, ou seja, do Presente a 500 anos AP. E assim por diante.

Do presente a 500 anos AP	A Era da Globalização
De 500 a 1.000 AP	O Brasil antes de Cabral
De 1.000 a 2.000 AP	As Sociedades Complexas
De 2.000 a 4.000 AP	A Era da Especialização
De 4.000 a 12.000 AP	Caçadores em Ação
De 12.000 a 50.000 AP	O Início do Povoamento





Modelo Clóvis de ocupação da América (Revista História Viva. Ano VI nº 62, pg 43)

OS CAMINHOS DO SER HUMANO PARA A AMÉRICA



Fonte: NAQUET-VIDAL, Pierre; BERTIN, Jacques. *Atlas histórico: da Pré-história aos nossos dias*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1987. p. 18; *Atlas histórico escolar*. Rio de Janeiro: FAE, 1991. p. 50.

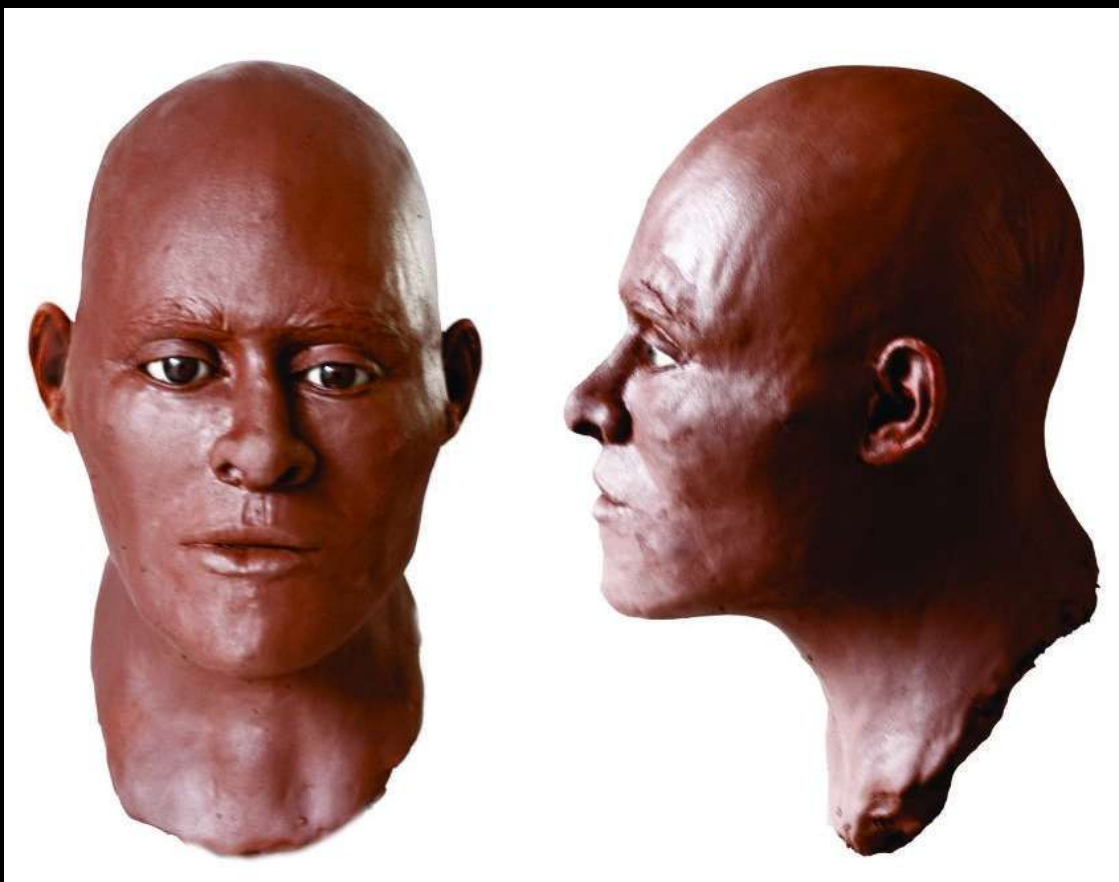
Modelo Clóvis de ocupação da América (Revista História Viva. Ano VI nº 62, pg 43)





Digitalização 3D do crânio de Luzia feito com o PPT-GUI e o Blender 3D, a partir de fotografia tomadas pelo arqueólogo Dr. Moacir Elias Santos. À esquerda: Visão em wireframe com textura. À direita: Renderizações..

Reconstituição de indivíduo humano de sexo feminino (Luzia) com base nos remanescentes do crânio achado em Lapa Vermelha IV, Lagoa Santa, Minas Gerais. Acervo de Antropologia Biológica do Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro.



LUZIA GANHA NOVO ROSTO APÓS ESTUDO (FOTO: DIVULGAÇÃO/FAPESP)

O trabalho foi desenvolvido por 72 pesquisadores de oito países, pertencentes a instituições como a Universidade de São Paulo (USP), Harvard University, nos Estados Unidos, e Instituto Max Planck, na Alemanha.

Os dados arqueogenéticos – que mesclam conhecimentos de arqueologia e genética – mostram que todas as populações da América descendem de uma única população que chegou ao Novo Mundo pelo estreito de Bering há cerca de 20 mil anos.

Pelo DNA, é possível confirmar a afinidade dessa corrente migratória com os povos da Sibéria e do norte da China. Os resultados da pesquisa foram publicados 08/11/2018 da revista científica *Cell*

Arte Rupestre Brasileira

- Datações mais antigas, da presença humana no Brasil:
- 48 mil anos – São Raimundo Nonato – PI
- 25 mil anos – Sítio da Lapa Vermelha – MG
- 25 mil anos – Sítio Santa Elina – MT
- 15 mil a 12 mil anos Sítios Alice Boer – SP, Abrigo Santana – MG, Abrigo do Sol – MT e Arroio dos Fósseis – RS.

Arte Rupestre Brasileira

Dividida em dois grupos

- Obras com motivos naturalistas
- Obras com motivos geométricos

Técnica Rupestre

Dividida em três grupos

- **Pintura** – aplicação de tinta líquida, com dedos, pincéis ou carimbos.
- **Lápis** – pigmento bruto ou seco ou carvão.
- **Gravura** – golpes (picoteamento) ou fricção (incisão, raspagem e polimento).

Pinturas mais antigas

Encontradas no Sítio do Boqueirão da Pedra Furada (Piauí)

Datadas entre 12.000 e 29.000 anos



Pintura *Painting*

PA | Monte Alegre | *Pedra do Mirante*



"Lápis" *"Pencil"*

TO | Palmas | *Vão Grande*



Gravura *Engraving*

PB | Ingá | *Pedra do Ingá*

Brasil Rupestre – Arte pré-histórica Brasileira . Zencrane
livros,2006, pg 115

Pinturas e gravuras rupestres são vestígios arqueológicos que constituem sistemas visuais de comunicação social, formados por elementos gráficos que fazem parte dos padrões de apresentação próprios das comunidades pré-históricas (Sobre Arte Brasileira pag.27)



Pintura rupestre do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí



Pintura rupestre de até 11 mil anos, encontrada na região de Serranópolis, sudeste goiano.



Pintura rupestre - Serranópolis - Goiás – Brasil. Sítio arqueológico da Pousada das Araras, em Serranópolis/GO.



Go – Serranópolis. Gruta das Araras.

MG – Itacarumbi. Lapa dos desenhos.

**RN-Cránauba dos Dantas,
Xique-Xique**

MT – Jangada Santa Elina



**RN- Canaúba dos Dantas –
Casa Santo**



**MG –Santana do Riacho
Grande – Abrigo de Santana
do Riacho**



TO – Palmas – Vão Grande



PB – Ingá – Pedra do Ingá

Pinturas e gravuras rupestres são vestígios arqueológicos que constituem sistemas visuais de comunicação social, formados por elementos gráficos que fazem parte dos padrões de apresentação próprios das comunidades pré-históricas (Sobre Arte Brasileira pag.27)



MS – Corumbá – São Domingos





Marcas de Mãos desenhadas. Lajeado da Soledade, Apodi, RN



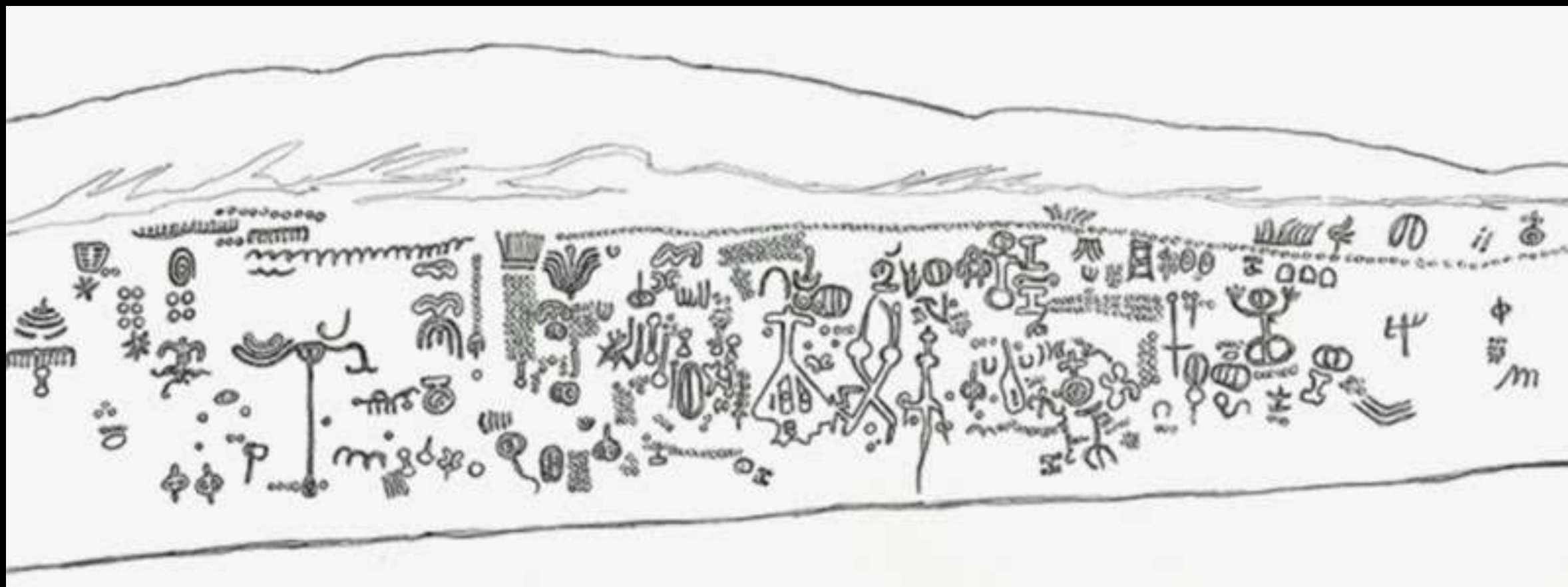
Gravura rupestre identificada na ilha dos Corais, no litoral de Santa Catarina, distante alguns quilômetros da costa: prova da habilidades naval dos sambaqueiros.
Foto: Paulo De Blasis.



PB – Pedra do Ingá -
Brasil Rupestre – Arte
pré-histórica Brasileira .
Zencrane livros,2006,
pg 60

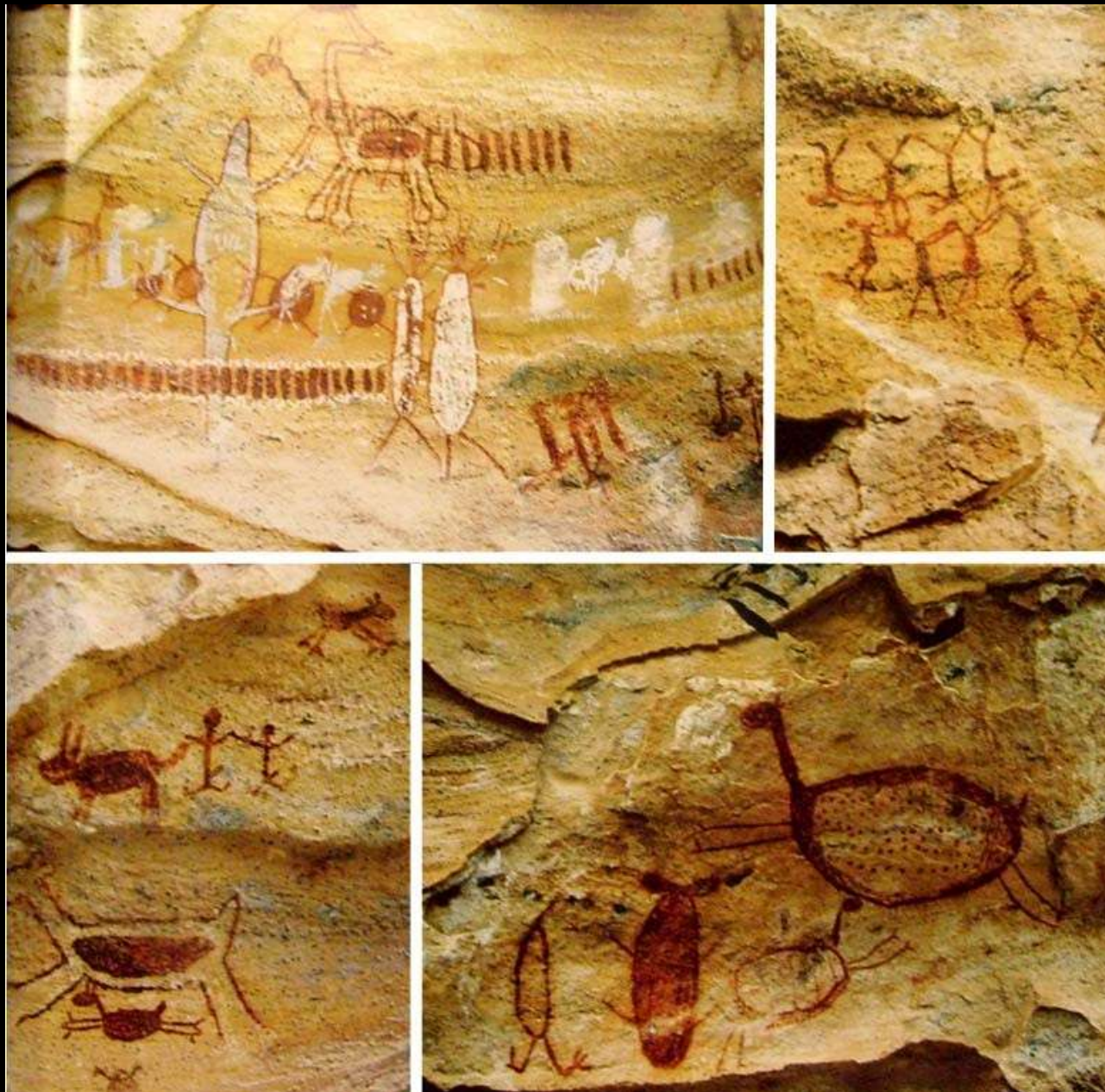
24 metros de largura e 3 metros de altura dividindo o riacho Ingá em dois braços. Antes da destruição a pedra ocupava uma área de aproximadamente 1.200 metros quadrados, a demolição foi suspensa em 1953 , onde o material retirado era usado para construção de lajes de pavimentação





Representação dos desenhos da pedra de Ingá

PI – São Raimundo Nonato –
Boq12ueirão da Pedra Furada



- **O** estilo Serra da Capivara (12000-8000 anos) é caracterizado por pinturas de tamanho reduzido, representando figuras desenvolvendo ações de grande dinamismo, com temas muito diversificados.
- **O** estilo Serra Talhada (8000-6000 anos), cobre a evolução das pinturas entre os períodos inicial e terminal da tradição Nordeste que, durante seis mil anos, apresentou modalidades técnicas de realização e de encenação que mudam enquanto permanecem as escolhas temáticas fundamentais.
- **O** estilo Serra Branca (6000 anos), o mais recente, é caracterizado pelo estatismo das figuras. Nelas, o autor passou a privilegiar as características ornamentais e a policromia nas figuras.
- Os povos da Tradição Nordeste ocuparam um vasto território em todo o Nordeste, chegando até o norte de Goiás. Sua cultura, rica e poderosa, deixou marcas nas paredes de abrigos em todas essas regiões e, mesmo se aparecem variações gráficas, a temática é mantida.
- **A** Tradição Agreste aparece por volta de 10.000 anos e parece perdurar até cerca de 4000-3.500 anos atrás. Os temas representados são animais e homens, estes geralmente desenhados cobertos por grandes máscaras e com cocares e penas na cabeça. As figuras são rígidas e estáticas e não há composições temáticas.
- **As** duas tradições compreendem também figuras geométricas ou sinais que deviam ser símbolos de um código que se perdeu para sempre no passar dos milênios. Qualquer tentativa de interpretá-las não tem nenhum valor científico pois as formas utilizadas pelos homens podem ser a mesma, mas seu significado varia de uma cultura para outra.
- **A** cor utilizada pelos homens pré-históricos nas épocas mais antigas (entre 29.000 e 9.000 anos atrás) era unicamente o vermelho, obtido da hematita (óxido de ferro). As diferentes tonalidades, como claro, médio, escuro do vermelho são somente um resultado da concentração do corante. Essas tonalidades diferentes eram obtidas graças ao aquecimento do óxido de ferro.
- **A** partir de 9.000 anos atrás os homens começaram a utilizar outras cores como o amarelo, que é um mineral, a goetita, o branco feito com gipsita ou kaolinita, e o cinza composto de hematita misturada com kaolinita, também substâncias minerais. O preto é composto de substâncias orgânicas pois era obtida a partir de ossos de animais queimados e triturados.

Figuras Antropomórficas.
Arte rupestre brasileira



Sambaquis

Jazidas arqueológicas formadas principalmente pela acumulação de conchas de moluscos que serviam de alimento a populações pré-históricas estabelecidas nas áreas litorâneas, ricas em moluscos e peixes. Esses estabelecimentos existiram da Amazônia ao Rio Grande do Sul e chegaram a alcançar 30 metros de altura no litoral de São Paulo e Santa Catarina, muitos já destruídos pelo uso das conchas na fabricação de cal e aterro de construção. (Sobre Arte Brasileira pag.58)

Língua tupi – tampa = Marisco, e ki = Amontoado

- Maior desenvolvimento entre 5000 e 2000 AP;
- Forte hierarquização social e política;
- Enterramentos nas áreas de moradia;
- Exímios canoeiros
- Peças de pedra polida;
- Baixo Amazonas ao Paraná em 500anos;
- Desaparecimento por volta do ano 1000 AP.

Engenharia praieira

Há 10 mil anos, nômades se fixaram à beira-mar, marcando sua cultura com edifícios de conchas





MONTANHA DE CORPOS

Durante a construção dos sambaquis, mortos eram enterrados junto com seus objetos pessoais em covas delimitadas por toras de madeira. Os corpos formavam uma das camadas do monumento. No fim do ritual funerário, era erguida uma base em que se acendia uma fogueira

FRUTOS DO MAR

Com o domínio de tecnologias de pesca, como a construção de embarcações, os sambaquieiros conseguiam buscar alimentos em alto-mar. Artefatos como anzóis e flechas feitos com ossos e lanças de pedra lascada eram utilizados para a captura de animais marinhos

MATERIAIS DIVERSOS

A edificação reunia restos de animais marinhos, como peixes, tubarões e arraias, objetos utilizados no cotidiano, como lâminas de machado, agulhas e anzóis, e ossadas humanas. Tudo era coberto por conchas, moluscos e areia e sustentado por toras



As camadas presentes na parede do sambaqui mostram as diversas fases de sua construção e ocupação.
Foto: Paulo De Blasis.



Ponta de flecha para caça e pesca.
Acervo: MAE-USP. Abismo Ponta de Flecha,
localizado no vale do Ribeira de Iguape, sul de São Paulo.
Fotos: Wagner Sousa e Silva.



Diferentes tamanhos e formas de pontas projeteis para caça e pesca.
Acervo: MAE-USP. Abismo Ponta de Flecha, localizado
no vale do Ribeira de Iguape, sul de São Paulo.
Fotos: Wagner Sousa e Silva.



Ossos de mamíferos e peixes
foram transformados em inúmeros utensílios pelos sambaqueiros.
Fotos: Arquivo Dorath Pinto Uchoa (MAE-USP)

(...) esculpidas sobre rocha ou osso de cetáceos, que exigiram alto investimento em tempo e esforço na sua execução. Realizadas com diferentes tipos de rochas, como basalto, diabásio e diorito, representam animais de formas estilizadas, de alta qualidade estética, como peixes, aves, répteis, mamíferos marinhos e terrestres, além de formas humanas e objetos com formas geométricas. As técnicas empregadas foram o polimento e o picoteamento, ou ambos, combinados sobre uma única peça. (Sobre Arte Brasileira pag.58)



*ALMOFARIZ (moedor) COM
REPRESENTAÇÕES DE
FIGURAS HUMANAS, s/data
Pedra Polida, Ilha de São
João, Rio Trombetas, Pará;
25,7 x 1,5 cm
Museu Nacional*



Colar feito com
caninos de bugio e
detalhe do dente
do macaco

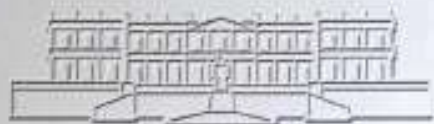
Vale do Ribeira, SP. (Revista Pesquisa FAPESP. Nº 112.2005, pg 43



Estatueta antropomorfa e peça em forma de águia. Acervo : MAE-USP

Fotos: Wagner Souza e Silva





MUSEU NACIONAL
RIO DE JANEIRO



Zoólito em forma de peixe.

s/ data; Artefato de Sambaqui, Santa Catarina. 42,2 x25 cm.

Museu Nacional do rio de Janeiro



Zoólito em forma de ave.

s/ data; Artefato de Sambaqui, Santa Catarina.

Museu Nacional do rio de Janeiro

- Expedição de Francisco Orellana, percorreu o rio Amazonas o rio desde o Peru até a desembocadura (1541 e 1542).
- Cronista da expedição Gaspar de Carvajal – Relación del descubrimiento del famoso rio grande que desde su nacimiento hasta el mar descubrió el Capitan orellana em uni3n de 56 hombres.
- Descreve a presença de grandes aldeias indígenas sedentárias e autossuficientes.

Culturas pré-cabralinas

O período da história brasileira conhecido como pré-cabralino estende-se na faixa histórica anterior a chegada dos europeus ao Brasil (antes de 1500). Caracteriza-se pelo estudo, principalmente, de vestígios arqueológicos dos grupos culturais que habitavam o atual território brasileiro e regiões circunvizinhas.

Cerâmica – presença mais antiga:

Litoral do Pará cerca de 3000 AP

Durante mil anos da Era Cristã (aproximadamente entre 400 e 1400), formaram-se sociedades complexas – chefias ou cacicados – na bacia amazônica. Marajoara, Maracá, Aruã e Aristé, no baixo Amazonas, e guarita, no médio são algumas dessas culturas de floresta tropical cultivadoras de raízes, em especial mandioca. Não foram sociedades efêmeras, muito pelo contrário, evoluíram e também podem ter sido conquistadas ou dizimadas por outros grupos que tomaram suas terras cultiváveis. Não eram sociedades estancadas na sua cultura, mas em contínua evolução. Algumas chegaram até a época do contato com o europeu. (Sobre Arte Brasileira pag.52)

Fase Marajoara

Ilha de Marajó – Ocupações sucessivas desde 1100 a.C.

- Anatuba (980 a 200^a.C.)
- Mangueiras (convivendo na mesma época que a anatuba)
- Formiga (100 a 400 d.C.)
- Marajoara (400 a 1380 d.C.)
- Aruã (findada com a chegada dos portugueses, em 1820)

- Decoração Antropomorfa e Zoomorfa
- Decoração incisa e excisa
- Urnas funerárias
- Estatuas
- Bancos
- Recipientes Cerâmicos



Morros artificiais ou tesos protegiam as casas das periódicas inundações do rio Amazonas, in www.itaucultural.org/arqueologia
Arte: Cesar Mattosi

A força feminina

Vestígios de 2 mil anos atrás encontrados na Ilha de Marajó revelam sociedade de linhagem materna

RITO DE PASSAGEM

Jovens de famílias abastadas passavam por um ritual no início da adolescência. Para a cerimônia, tinham os corpos pintados e usavam uma tanga de cerâmica decorada com traços referentes aos genitais. Mulheres idosas ou casadas usavam tangas lisas



FOTOS MARCELO ZOCCHIO

PRODUÇÃO ORGANIZADA

As marajoaras viravam artesãs ainda crianças, orientadas por familiares. A presença de um contingente de mão-de-obra experiente, que incluía figuras na chefia do processo, demonstra que já havia excedente de alimentos, graças às roças cultivadas nas aldeias

ARTISTAS DE PRIMEIRA

O artifício da cerâmica se concentrava nas mãos das mulheres, responsáveis por toda a produção, da escolha da argila à modelagem. Elas dominavam técnicas de queima, feita em fornos montados em valas, além da pintura dos objetos

TRABALHO AGRÍCOLA

Cuidar da plantação também era atribuição das mulheres. Já conhecedoras de técnicas de cultivo e manejo, elas ainda tinham a responsabilidade de transformar a mandioca, planta venenosa, em produtos como farinha e tapioca



Tangas Marajoara (MPGE. Banco Safra, 1966. pg.140.



Estatueta de Cerâmica Marajoara

Acervo: MAE-USP
Fotos: Wagner Sousa e Silva



Objeto de Cerâmica Marajoara

Acervo: MAE-USP
Fotos: Wagner Sousa e Silva



Estatueta cerâmica encontrada em
aterro cemitério Acervo: Museu Paraense Emílio Goeldi
Foto: Rômulo Fialdini



Estatueta cerâmica marajoara
Acervo: Museu Paraense Emílio Goeldi



Urna funerária decorada em relevo, c.
400-1000 d.C., coleção Henry Law



Burial urn in the
ceramic with incised
similar to later Sh
bits of bone of the
urns. Part of base
A.D. 1000-1250, M
40.9435

Urna funerária marajoara, c. 1000-1250 d.C., Museu Americano de História Natural.



Urna funerária Marajoara (MPGE.
Banco Safra, 1966. pg.129*



Urna funerária Marajoara
Acervos: MAE-USP/MPEG
Fotos: Wagner Sousa e Silva/Rômulo Fialdin



Urnas funerárias
Acervos: MAE-USP/MPEG
Fotos: Wagner Sousa e Silva/Rômulo Fialdin



Urnas funerárias
Acervos: MAE-USP/MPEG
Fotos: Wagner Sousa e Silva/Rômulo Fialdin

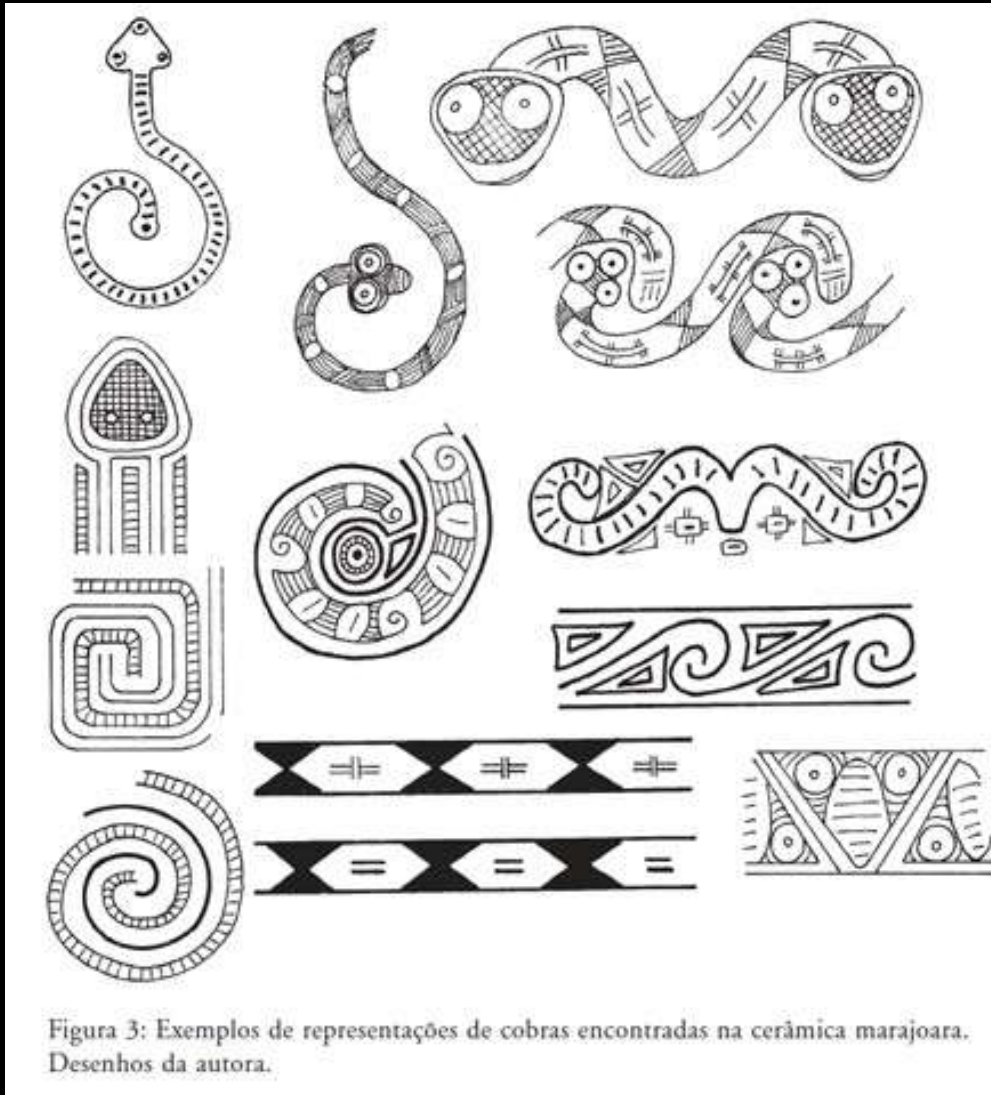


Figura 3: Exemplos de representações de cobras encontradas na cerâmica marajoara. Desenhos da autora.

Denise Pahaal Schaan. A Arte Cerâmica Marajoara. *Habitus, Gopiânia*, v.5 n.1, p. 99-117, jan/jun.2007



Fig.e.Eescorpion O escorpião na natureza O escorpião na urna A estrutura identificada As unidades mínimas significantes

Denise Pahaal Schaan. Iconografia Marajoara: Uma Abordagem Estrutural. Em. Rupestre/web
<http://members.tripod.com/rupestre/schaan.html>

Cultura Santarém

- Pará, 1000 a.C. a XVII;
- Junção do Rio Tapajós com Rio Amazonas;
- Aldeias com mais de 500 famílias;
- Vinte a trinta famílias subordinadas a um chefe;
- Presença de escravidão;

Cerâmica

- Policromada
- Decorada

Motivos:

- Representação de homens e animais;
- Zoomorfismo;
- Antropomorfismo;
- Função cerimonial;
- Ídolos de adoração ou culto a fertilidade.



Os apliques dos vasos, como esta anta, eram modelados a mão, um a um, por artesãos especializados

Essas figurinhas que sustentam o vaso, chamadas cariátides, podem representar sacerdotes sob o efeito de alucinógenos. Repare nos olhos.

O urubu-rei, uma das maiores aves da Amazônia, era sagrado para os tapajós. Aparecem com frequência na cerâmica deles.

Vaso de Cariátides
Vasos com apliques zoomorfos e antropomorfos

O vaso foi encontrado em Santarém, no Pará. Ele pertence à cultura tapajômica e foi feito em cerâmica entre os séculos 14 e 16.



Vaso de gargalo
Vaso com apliques
zoomorfos
(MPEG. Banco Safra,
1996. pg 150



Vaso de zoomorfo
Vaso com apliques
zoomorfos
(MPEG. Banco Safra,
1996. pg 152)



Estatueta Antropomorfa
Estátua com decoração
policromada, sexo feminino
(MPEG. Banco Safra, 1996.
pg 155)



Muiraquitãs

(MPEG. Banco Safra,
1986. pg 168)

- **Tipos de rochas:**
- **Jadeíta**
- **Amazoníta**
- **Nefrita**
- **esteatita**

Poulnabrone Dolmen,
County Clare, Irlanda.



Peça da Cultura tapajônica coletada em Sntarém, usada supostamente pra enterros chamados secundários; na urna eram colocados só os ossos ou cinzas. Coleção do museu de Arqueologia e Etnologia da USP

Tupis-Guaranis

- Fachada Atlântica e áreas do interior junto a vias fluviais (Argentina, Paraguai e Uruguai);
- Tronco Linguístico a partir de Rondônia;
- Dispersão entre 3.500 e 2.000 anos;
- Séc V/VI – Expansão até o Rio Grande do Sul;
- Presença de escravidão.

Cerâmica

- Urnas funerárias;
- Machados Polidos;
- Tembetás (adornos labiais)
- Pontas de flecha;
- Cachimbos.

Decoração

- Pintado
- Corrugado
- Escovado
- Ungulado



Vaso Pintado

Vasilhames globulares e fragmentos de Cerâmica Capão do Canga com decoração pintada no motivo de faixas entrecruzadas. O vasilhame acima e à esquerda (doação 10, Museu Histórico e Arqueológico de Vila Bela) conteria restos ósseos de indivíduo infantil, tendo sido encontrado 60 km ao norte da cidade de Vila Bela da Ssa. Trindade. O vasilhame acima e à direita foi depositado como oferenda funerária em uma urna da indústria cerâmica Córrego Banhado.

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/rt/printerFriendly/885/1278>



Vaso Corrugado

Os vasilhames de cerâmica guarani conservados inteiros foram quase todos encontrados em sepultamentos primários ou secundários, sendo utilizados como “urnas funerárias”. Sua função primordial, no entanto, teria sido a de transportar e armazenar líquidos.

<http://museuantropologico.blogspot.com/2013/06/tradicao-tupiguarani.html>



Vaso escovado

Exemplos de fragmentos de Cerâmica Capão do Canga com decoração plástica incisa.

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/885/1278>



Vaso unglado

Caracterização do tratamento de superfície unglado da coleção de evidências arqueológicas cerâmicas do Vale do Taquari/RS

https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Characterizacao-do-tratamento-de-superficie-ungulado-da-colecao-de-evidencias_fig2_322725224



Machado de uso cerimonial e cotidiano
Índios Apinayé, rio Tocantins, PA
(MPEG. Banco Safra, 1986. pg. 43)



arqueología didáctica

arqueología y didáctica



Entre os Kadiwéu (MS), também são as mulheres que decoram a cerâmica. Elas utilizam padrões que seguem um repertório rico, mas que são fixos, de formas preenchidas com variadas cores. Coleção FFLCH/USP, 1935.

“ Algumas conformações que os índios imprimem a seus corpos para lhe dar beleza contrastam tanto com a nossa imagem do humano que provocam espanto. Ao menos um espanto igual ao que nós provocamos neles, com os corpos envoltos em trapos e nossas duras patas artificiais.”

Darcy Ribeiro



Tembetá - Pedra, adorno usado no beijo inferior pelos tupinambás, entre outras etnias.



Carimbos cerâmicos Guarani. Usados para pintura corporal ou de tecido, redução jesuítica do Guairá. Século XVII, Vale do Rio Ivaí



Máscara - Entre casca e pigmentos naturais, Usada em rituais pelos índios Tícunas, que vivem a beira do rio Solimões, no Amazonas, a máscara foi coletada em 1956. Da coleção do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP



Máscara - Fibra vegetal e entrecasca pintada, Peça criada pelos índios Jurupixunas, do Estado do Amazonas, coletada entre 1783 e 1792 pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Faz parte da Coleção do Museu de Antropológico de Coimbra, Portugal



Máscara - Fibra vegetal e entrecasca pintada, Peça criada pelos índios Jurupixunas, do Estado do Amazonas, coletada entre 1783 e 1792 pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Faz parte da Coleção do Museu de Antropológico de Coimbra, Portugal



Motivo gráfico dos Bakairi (MT) . Desenho de Odil Apacano, s/d.



Cesto Cargueiro. Índios
Wayana-Aparaí, Rio Paru de
Leste, PA

(MPEG. Banco Safra, 1986. pg. 43)



Cinto - Contas e fios de algodão,
obra dos índios Uaianas, que vivem na fronteira do PA



Máscara " Cara Grande" - Madeira, penas de arara e de papagaio criada pelos tapirapés, a máscara representa um dos inimigos dos índios, os brancos.



Tupinamba, fin XVI, Musées royaux, Bruxelles. Amazonie



Manto Tupinambá -
Penas de Guará,
usada pelos Tupinambás em
rituais e levada por
Maurício de Nassau durante a
ocupação holandesa d
o Nordeste,
entre 1637 e 1644. A peça
pertence ao museu
Nacional da Dinamarca,
em Copenhague.
Existem outros cinco
em museus europeus



Aquarela sobre pergaminho mostra índios brasileiros, um deles com um manto tupinambá; mantos conhecidos estão em museus da Europa.

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42405892>

Colar: Tukamiwar
Penas de tucano, saúra,
anambé azul, índios
Kaapor (Urubu). Rio
Gurupi – MA. 1962.
(MPEG. Banco Safra,
1986. pg. 92/93)

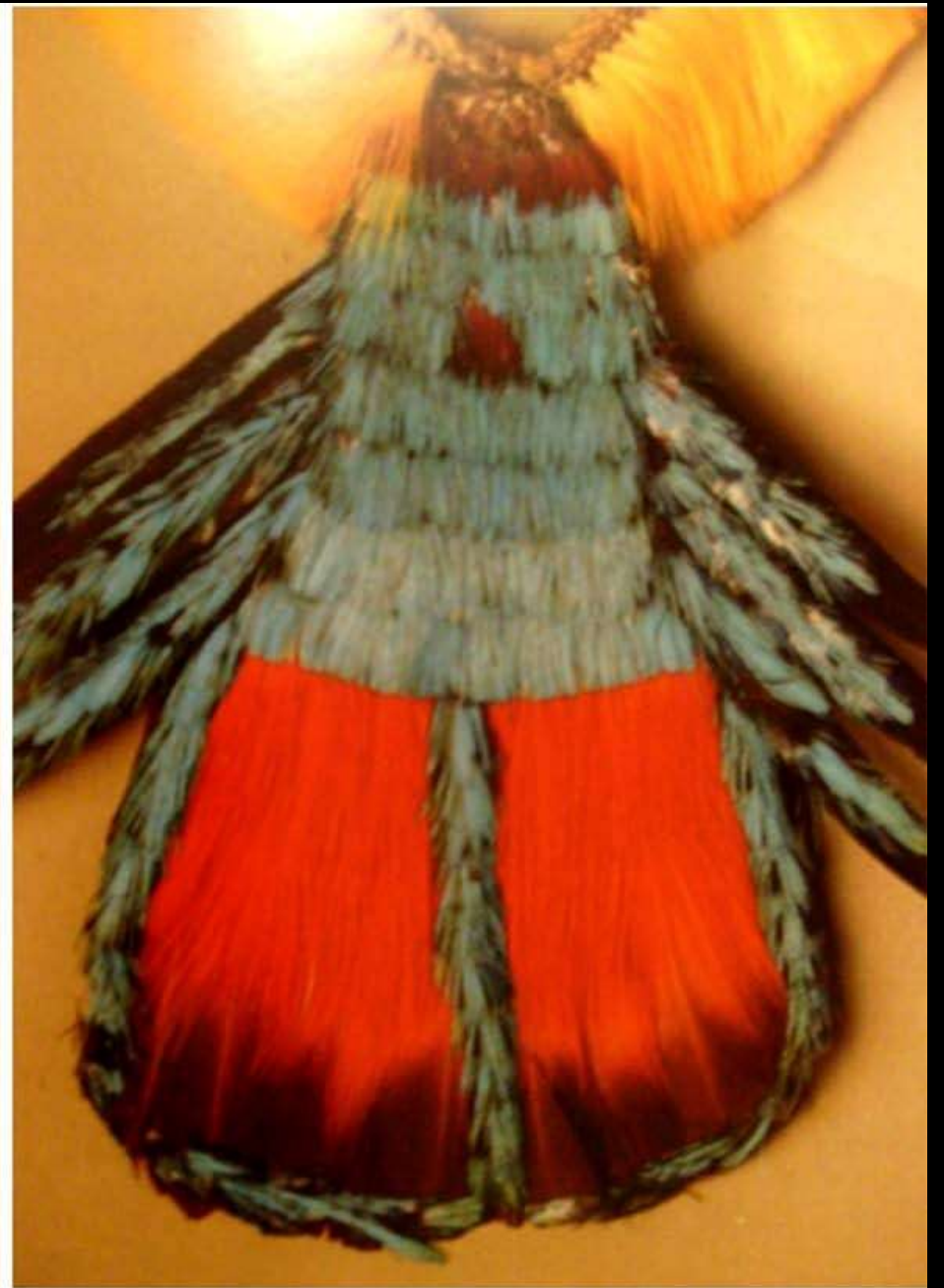


Foto de 1872 de uma índia cadiuéu do Rio Nabileque, no Mato Grosso do Sul, no Brasil



figura02-Esta tatuagem facial faz parte do segundo ritual de iniciação dos Karajá (MT/ TO), que se dá quando a menina está por volta dos 11 anos. Foto: Vladimir Kozak, s/d. .



Índia Caduveo (Mbaya), Rio Nabiléque, Chaco.



O ritual funerário dos Bororo (MT) é um momento especial de socialização dos jovens. Não só porque muitos deles são formalmente iniciados, mas, também, porque é por meio de sua participação nos cantos, danças, caçadas e pescarias coletivas que eles têm a oportunidade de aprender e perceber a riqueza de sua cultura.



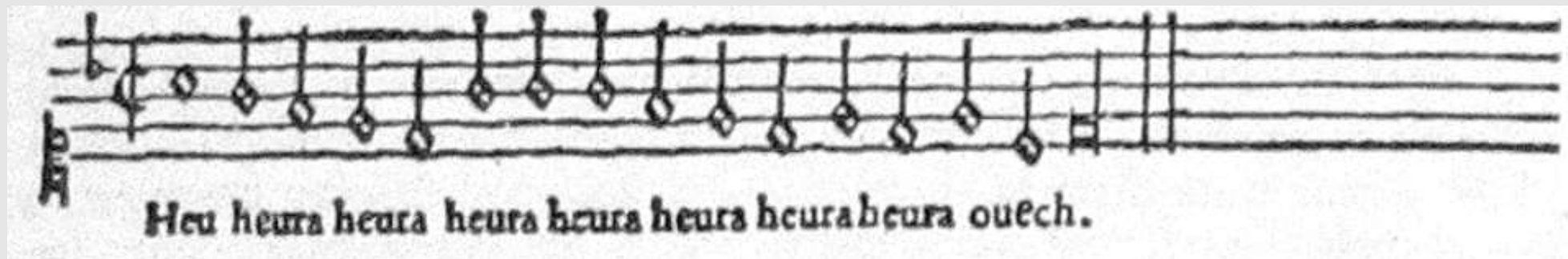
No ritual de nomeação dos Xikrin do Cateté, as meninas são, por meio da pintura corporal e da elaborada arte plumária, literalmente transformadas em pássaros.
Foto: Isabelle Vidal Giannini, 1996.

A referencia mais antiga sobre a música indígena, é encontrada na Carta de Pero Vaz de caminha:

“Deste Porto Seguro , da vossa ilha de Vera cruz, hoje, sexta feira, primeiro de maio de 1500 (...) e olhando-nos, assentaram-se. E depois de acabada a missa, assentados nós á pregação, levantaram-se muitos deles, tangeraqm corno ou buzina e começaram a saltar e a dançar um pedaço”

(História da Música Brasileira. Bruno Kiefe , pg 10)

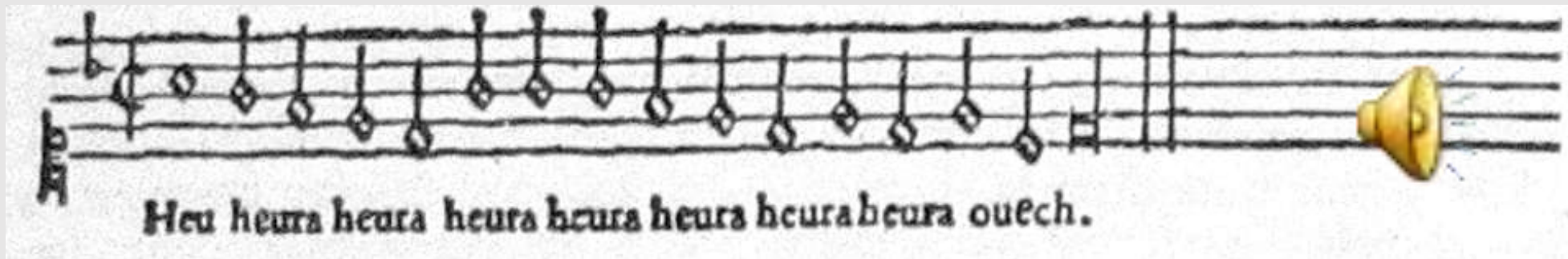
Jean de Léry, aqui chegado em 1557 o primeiro documento em notação musical relativo à música dos índios. (História da Música Brasileira. Bruno Kiefe , pg 10)



Jean de Léry, descreve:

“Essas cerimônias duraram cerca de duas horas e durante esse tempo os quinhentos ou seicentos selvagens não cessaram de dançar e cantar de um modo tão harmonioso que ninguém diria não conhecerem música. Se, como disse, no início dessa algazarra, me assustei, já agora me mantinha absorto em coro ouvindo os acordes dessa imensa multidão e sobretudo a cadência e o estribilho repetido a cada copla: *Hê, he ayre, heyrá, heyrayre, heyra, heyre, uêh*. E ainda hoje quando recordo essa cena sinto palpitar o meu coração e parece-me a estar ouvindo” (História da Música Brasileira. Bruno Kiefe , pg 10)





Canto tupinambá anotado por Jean de Léry (séc. XVI) -

reconstituição feita pelos músicos:

Fernando Portari (tenor)

Mingo Araújo (percussão)

Nicolas de Souza Barros (guitarra)

Ricardo Kanji (flauta)

Rosana Lamosa (soprano)

Rosana Lanzelotte (percussão)

Espetáculo realizado em 8/8/2012, Teatro Tom Jobim, Rio de

Janeiro Concepção: Rosana Lanzelotte

III Circuito – Imagens Sonoras.

in: <https://www.youtube.com/watch?v=nMy7X6bOJ7k>

Relata o Pe. Manuel da Nóbrega, em carta de 1549, dirigida ao Pe. Simão Rodrigues (...) *“ora um, ora outro lugar da cidade e à noite ainda faz cantar os meninos certas orações que lhe ensinou em sua língua deles, em lugar de certas lascivias e diabólicas que antes usavam”*

José Ramos Tinhorão: *A impressão definida como diabólica das canções indígenas derivava naturalmente, da forma pela qual os padres as ouviam, sempre ligadas a dança e rituais, entre batidas de pés no chão, volteios de corpo e pequenos estribilos [refrão] em uníssono, pois –como informava o padre Fernão Cardim falando de ‘bailos e canto’ dos índios –não fazem uma sem a outra”*

Estudos genéticos recentes, comandados por Sérgio Danilo Pena, demonstraram que cerca de 33% dos brasileiros autodenominados “brancos” descendem diretamente de uma antepassada indígena, por linha materna. Entre os classificáveis como “negros”, esse percentual é de 12%. Dados os percentuais médios de “brancos” e “negros” na população brasileira, pode-se afirmar que não menos de um quinto, ou 20%, dos brasileiros possui antepassados indígenas.

(...) Toda mulher deixa células de seus filhos uma marca genética, idêntica à que sua mãe deixou nela, marca essa que será retransmitida aos netos, através e unicamente de suas filhas. Os pais não deixam essa marca nos filhos, mas têm neles as marcas de suas respectivas mães.

(...) cada indivíduo tem, (...) além do pai e mãe, quatro avós. (...) a probabilidade de alguém ter a marca genética que indique linhagem materna indígena é de 20%, considerados os quatro avós – se forem brasileiros -, são 59% os que descendem de índios.

No mesmo passo, considerados os bisavós, o percentual de descendentes indígenas atinge cerca de 83%.

(...) a probabilidade de alguém ser descendente de índios é muito alta, talvez muito próxima de 100% - já que o processo miscigenatório que deu origem ao fenômeno começou no séc. XVI, bem antes da geração de nossos bisavós.

Ou seja, no Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é – para concluir, roubando a frase clássica de Eduardo Viveiros de Castro. (Mussa, Eduardo. Meu destino é ser Onça, pag. 21,22.)